

PRÓLOGO

A peregrinação pela vida não é fácil. O caminho poderá ser árduo, traiçoeiro e até perverso, mas chegado o momento final, quando se olhar o reflexo no lago, este deverá ser de regozijo e júbilo. É assim que deve ser encarada a morte: como um triunfo sobre a vida. É o prémio dos valentes e mercedores que finalmente têm a dádiva de poder esquecer, de poder apagar tudo e recomeçar de novo, num corpo são e frágil de um recém-nascido. Os humanos temem a morte porque se esquecem do que viveram. Eu temo a vida porque me lembro...

— Mercenário, justiceiro, líder, amante... Tantos actos, tantos cenários! — digo, distraidamente.

Andrew volve a sua face para mim. Talvez ele não se tenha apercebido do tempo que passara desde que trocámos as últimas palavras sobre um qualquer assunto.

A sua pele, branca como a Lua que olhava, assemelha-se à de um espectro que vagueia nas planícies.

Erguendo os seus óculos espelhados e redondos para a cabeça, Andrew continua a olhar-me esperando que termine, mas agora sou eu que perco o olhar nas nuvens dispersas no horizonte, que deslizam impassíveis.

— Tu nunca recuperaste, pois não? — pergunta-me, no seu tom baixo.

Com as mãos enterradas nos bolsos do sobretudo, suspiro e não respondo.

Andrew, sentado no pequeno muro de pedra tosca que separa o miradouro do declive profundo, segue o meu olhar para a cidade.

Adiante, estende-se Arcana; uma tapeçaria gigantesca de luzes brilhando como pedras preciosas. Tapeçaria de fios luminosos tão extensos que parecem ao longe tocar o céu infinito. Arcana, desde sempre protegida por seres sem alma, uma criança rebelde na altura em que eu era ainda humano, é agora uma rainha de coroa reluzente.

— É linda, não é? — pergunta-me com olhar apaixonado, qual rei admirando as suas terras.

— É uma amante que faz sofrer...

— Falas de Arcana ou da imortalidade? — pergunta, com um leve sorriso.

Sento-me também no muro. Ficamos lado a lado a contemplar aquela visão.

— Não serão ambas a mesma coisa? — questiono.

Andrew contrai levemente os lábios.

— Daimon, passaram já dois anos...

— E eu continuo a vê-lo em sonhos, todas as madrugadas quando fecho os olhos. Todas as noites, meu Irmão! — afirmo, enquanto permito que o cansaço se espelhe na minha voz.

Andrew volta a olhar a Lua sem responder.

— A Lília sabe disso? — pergunta passado um pouco.

O nome de Lília faz com que o nó na minha garganta se aperte.

— Não. Penso que não.

— E porque não?

Sei que Andrew há muito esperava por ter esta conversa. Ocultei estes sentimentos durante tanto tempo sabendo que, mais tarde ou mais cedo, ele os iria descobrir em mim. Assim, o meu atento amigo, conhecendo-me tão bem, esperou que eu estivesse preparado para os partilhar. Agora, educadamente, faz-me perguntas, não para ele saber as respostas, mas para eu as descobrir em mim. Perguntas tão simples como: «E porque não?»

As imagens vêm rapidamente à minha mente: os sorrisos sem alegria de Lília; as telas com cores cada vez mais esbatidas, o começo das desculpas para poder faltar à agenda do Templo...

— Ela... — começo sem saber o que dizer.

O que posso responder...? Que ela parece morrer um pouco a cada noite? Que ela já não é tão feliz como era? Que não sei o que fazer?

— Ela também tem andado triste. Eu tenho reparado — adianta-se Andrew.

— Sim — respondo sucintamente.

— Daimon, olha para mim — pede, virando-se no muro e encarando-me. Volvo a face, encontrando os seus olhos escuros e compassivos. — A morte de Augustus foi justa! Não és um mercenário nem um vilão! Foi feita justiça.

Nego as palavras de Andrew:

— Não se trata de saber se foi justiça ou não, não importa se foi Augustus ou outro vampiro. O fardo que carrego comigo é... de uma morte a mais!

— Daimon, tu não podes... — Andrew cala-se de súbito, olhando-me fixamente.

Sinto um formigueiro na nuca enquanto lhe permito revistar a minha mente, os meus demónios. Os seus lábios entreabrem-se como que de espanto durante os momentos em que me olha profundamente nos olhos. Nada mais tenho a esconder-lhe. E como poderia, depois de lhe confiar tantas vezes a minha vida, tal como a Janus?

Andrew, após alguns momentos, pisca os olhos repetidamente, parecendo perdido; no segundo seguinte vira o olhar para a cidade, baixando inocentemente os óculos escuros para a face, fingindo que nada viu.

— Não é bom, pois não? — pergunto, voltando-me também para o horizonte.

O silêncio contrai o corpo de Andrew por um longo momento. Os traços finos do seu rosto sobrecarregam-se, dando-lhe um aspecto sombrio, esotérico, profético e dos seus lábios saem palavras rodeadas de espinhos que se cravam dolorosamente na sua pele:

— Não é só a ti que Arcana e eu perdemos aos poucos. Já vi esse mesmo abismo nos olhos de...

— Eu sei, Blackrose. Eu sei.

Como dois fantasmas profanos voltamos à quietude e à mudez daquele espaço sepulcral, deixando o tempo correr solto.

I

O CAIR DA NOITE

— *Sabes que estarei sempre aqui para ti* — disse-me Andrew quando me despedi dele e me encaminhei para casa.

Sorri-lhe ao lembrar-me do jovem vampiro que fora e do valoroso vampiro que agora é. Andrew Blackrose tornou-se nobre e ousado, mas teimosamente manteve a sua faceta altiva tentando esconder, infrutiferamente, a sua grande humildade. O meu jovem Irmão mudou, cresceu. Cresceu em todos os sentidos, até mesmo na humanidade, que supostamente estaria tão longe de nós, vampiros.

Quanto a mim, sinto que deixo de valorizar as coisas, de valorizar os pequenos pormenores que embelezam a vida. As metrópoles com o seu encanto de cores e jogos de sombras passam a ser amontoados de prédios, as esculturas dos anjos eternos passam a silenciar-se na sua perpétua prisão, a Lua-Mãe passa a ser outro simples e silente astro no céu e até os humanos parecem deixar de ter individualidade, os seus rostos moldados todos pelas mesmas mãos. A força que ia buscar ao passado deixa de ser suficiente, pois as vitórias não sabem mais a conquistas e as derrotas acumulam-se como objectos abandonados num sótão. O meu corpo deixa de reagir tão rápido, não por falta de força ou destreza, mas por falta de ânimo, de Fé... É aí que o peso dos séculos começa a fazer-se sentir, a revelar-se até nas pegadas na lama que se estendem após mim e que agora me parecem mais fundas ao olhar para trás. Sobre os meus ombros existe um peso constante, como se envergasse, noite após noite, uma pesada cota de malha que faz com que o meu olhar deixe de se erguer tantas vezes para o céu e insista em vagar tristemente pelo chão que piso.

É como Janus costuma dizer: «Há dois mundos dentro de nós e um deles estará sempre incompleto.» Recuso-me a aceitar que esta sensação de vazio que sinto há tanto tempo possa ser a minha alma morta, extinta no momento em que o sangue de LaLuna cruzou os meus lábios. Será por isso que precisamos do sangue, da alma dos outros? Recuso-me a aceitá-lo, mas no fundo sei que assim é, tal como sei que para sempre esta lacuna será uma ferida aberta no meu peito, que jamais irá sarar...

Aquela noite, em que fiz tombar o corpo de Augustus, foi fatal para mim. Senti-me totalmente à margem de toda a alegria da vitória e vi, como que pelos olhos de outra pessoa, um ritual macabro: vampiros erguendo as vozes em salvas triunfais sobre sangue derramado na pedra. Não importa se o sangue é de um traidor ou de um inocente, importa que o meu sabre provou mais sangue e isso deliciou a plateia, qual execução medieval.

Essa visão atormenta-me ainda hoje, passados dois anos. Apenas dois anos, que seriam como um grão de areia na ampulheta do tempo da nossa eterna vida nocturna; mas cada noite, para o meu Ser, torna-se um fardo. Cada minuto é mais um minuto, cada segundo é mais um segundo, cada piscar de olhos é mais um piscar de olhos. Acabou a noção de eternidade naquele momento, na varanda do castelo do Regente. Houve algo que se estilhaçou dentro de mim como vidro, como se o golpe final a Augustus ferisse também o meu Ser Puro, a minha humanidade, a minha Fé... Sinto que é algo impossível de redimir, algo que jamais irá permitir que eu seja o mesmo, que seja completo e pleno. O meu Ser Puro está a morrer...

Mas não fui o único a ser assombrado por este pavoroso festival. Janus assistiu à peça com o mesmo olhar que eu, o que fez com que algo de único em si se corrompesse. Também ele sentiu na pele a minha lâmina e ouviu o sangue do vampiro a escorrer silencioso pelo chão. Também ele, na noite seguinte, foi incapaz de partilhar o sentido da vitória, a assinatura definitiva do Tratado de União com a Descendência de Takal. Também ele se isolou do mundo.

Nas noites seguintes a esse evento, Janus MoonHunter passou a caminhar pelas sombras de si próprio, evitando encontros, eventos e reuniões, estando presente apenas quando a sua presença era estritamente necessária. A sua voz tornou-se mais grave e lenta e o seu sorriso esporádico. Apercebi-me inclusive de que tem evitado a minha companhia, desculpando-se com os afazeres a que o seu cargo obriga. Mas sei que na verdade é ele que escolhe esse isola-

mento que se foi adensando ao longo destes dois últimos anos. Não o censuro pela sua escolha. E como poderia, quando eu próprio escondo o que há em mim à minha eterna noiva, Lília WhiteMoon?

No entanto, e apesar das suas batalhas interiores, Janus tem mantido, com a sua Regência, Arcana pura e sem rivalidades. O seu trabalho é sempre perfeito no acompanhamento de novos vampiros e na manutenção das Leis, mas para mim, que o conheço desde que recebi o Novo Nascimento, os seus gestos são mecânicos e desanimados, como uma máquina que exerce o mesmo movimento milhares de vezes: o erguer o copo em saudação no final de uma qualquer reunião para de seguida forçar um sorriso sincero e logo depois deixar cair o olhar sobre o tampo liso da mesa; o entregar directivas aos vampiros que patrulham as ruas dando uma leve palmada de incentivo no ombro de cada um, para a seguir deixar pender o seu braço cansado ao longo do corpo; o voltar para o seu trono e deixar-se afundar exausto no veludo vermelho como se tivesse passado dias a fio em pé.

Dentro dele há um coração sem vida e agora, tal como o meu, também sem Fé.

Ao entrar no jardim de minha casa, volto o olhar para trás, para Arcana, para os incontáveis pontos de luz que se estendem pela planície, prédios e estradas sem fim. Apercebo-me de que nestas últimas décadas nem reparei no quanto a minha Terra cresceu. Arcana é agora uma mulher madura que abraça os seus filhos de diferentes castas, os filhos do dia e os da noite, sendo que estes últimos os mantém apertados contra si. Questiono-me se um dia ela me libertará dos seus braços.

Olho novamente o céu negro que se estende omnipresente e sinto-me claustrofóbico. Sinto que para me mover preciso de rasgar com os meus passos o espaço vazio à minha frente e que, a cada passo, há algo que se injecta em mim como um veneno que queima as minhas veias. De novo sinto um segundo como um segundo e um minuto como um minuto...

Prometi para sempre manter a minha paz. Prometi para sempre erguer a tocha de um Anjo acima da minha cabeça. Para sempre ficar firme no solo sagrado, resistindo a ventos e tempestades. Para sempre guardar a súplica do Homem longe dos ouvidos de Deus. Para sempre velar a noite e as horas cansadas daqueles que têm tectos de estrelas.

Mas agora, no fim, sinto que caio ao chão e banho a terra seca com o sangue das minhas lágrimas, tornando a terra em lama san-

grenta, chorando, gritando e suplicando, consciente de que a minha raiva é dirigida a um Deus que mantém os seus olhos longe dos que já cumpriram a sua missão... Pois é deles o Reino dos Céus.

A minha face... A minha face de expressão estóica continua a rasgar o vento e as ruas que apenas me levam a um destino: ao antídoto deste veneno, o retiro seguro do meu Ser, a minha casa, os braços de Lília WhiteMoon.

Pergunto-me se Lília, que também me conhece tão bem e à qual estou unido por uma ligação mais antiga que a própria vida, nota o peso nos meus passos cansados e o meu olhar sem expressão. Pergunto-me se ela, da mesma forma que eu faço com Janus, nada questiona nem comenta pois espera que as minhas feridas saiam. Ela sabe que quando me sinto assim prefiro o silêncio de um retiro. Mas até quando poderá o seu amor por mim perdurar? O que pensará ela do seu amante romântico e heróico reduzido a uma sombra errante?

Uma brisa fria lembra-me que a noite terminará em breve o seu reino para ceder o lugar à luz do dia. A noite pode ausentar-se das planícies, mas dentro de nós é eterna...